

O PERONISMO SEM PERÓN : IMPRESSÕES DO EXÍLIO (1955-1960)

Ana Luiza Setti Reckziegel*

Resumo : Esta comunicação tem o objetivo de analisar o contexto sócio-político que se segue à queda de Perón em 1955 a partir da análise da correspondência do ex-presidente e de lideranças peronistas e da documentação produzida pela resistência peronista. O cenário argentino neste momento apontava para a continuidade da influência peronista no campo social e político o que pode ser visualizado em organizações como os Comandos Revolucionários Peronistas e Comissão Sindical Peronista . A partir dessa movimentação pretende-se mapear a ação dos grupos peronistas e as ligações que mantinham com o ex-presidente no exílio.

Palavras-chave: peronismo – política – resistência

Abstract: This communication aims to analyze the social and political context that comes after the fall of Peron in 1955 from the analysis of the relationship between the ex-president and the Peronist leadership and the documents produced by Peronist resistance. The Argentinian setting at that moment was indicating the continuance of Peronist influence on social and political area what can be visualized in organizations such as Commands of Peronist Revolutionaries and Peronist Trade Union. From these movements it is intended to chart the action of the Peronist groups and the relations they had with the ex-president in exile.

Keywords: peronism – politics - resistance

I - A ARGENTINA DE PERÓN

Perón surgiu na cena política na década de 1940. Militar, integrante do GOU (Grupo de Oficiais Unido) , a partir do golpe de 1943, ganhou espaço e visibilidade. Ficou à frente da Secretaria da Guerra, tornando-se o elo forte com os militares e assumiu também a Secretaria do Trabalho e Previdência com a incumbência de desestabilizar o movimento sindical existente e cooptar a classe trabalhadora como base de sustentação do governo.

Em meio a um conturbado cenário político e à divisão das Forças Armadas, Perón assumiu a vice-presidência em 1944 sendo logo depois deposto pelos militares, destituído de seus três cargos. No entanto, as bases populares que ele havia construído forçaram, a partir de uma imensa mobilização na Plaza de Mayo, o restituíram ao poder oito dias depois, em 17 de outubro.¹

¹ Esta mobilização popular contou com a adesão de setores da cúpula policial que eram leais a Perón.

Apesar de, logo em seguida, ter negociado sua saída do governo, Perón não desistiu da política. Concorreu às eleições em 1946 e venceu amparado pelo voto de setores distintos tais como os ligados a Igreja Católica, aos nacionalistas, às lideranças locais dos partidos tradicionais e, principalmente, a grande massa de trabalhadores urbanos. A oposição logo se descortinou: as elites empresariais rurais e industriais ofereceram resistência ao novo presidente, bem como as classes médias desconfiadas com o populismo. Ambas, no entanto, sentiam-se um pouco seduzidas pelas oportunidades abertas na economia, dividindo-se assim.

Em seguida às eleições, as dissidências no interior do Partido Laborista levaram-no à sua dissolução e em seu lugar foi fundado o Partido Único de la Revolución Nacional, depois chamado de Partido Peronista.

Ampliando os gastos públicos, aumentando o aparelho estatal e desenvolvendo uma política de nacionalização dos setores básicos da economia, a balança comercial permaneceu favorável até 1948. A partir de 1949, no entanto, a economia Argentina entraria num processo de crise deflagrada principalmente pela queda no preço das exportações de grãos, caindo quase 50% nesse período². Num efeito cascata, as importações também se deprimiram e a produção industrial acompanhou a queda. Mesmo num contexto econômico adverso, Perón elevou o salário e congelou preços de produtos básicos. A economia voltaria a entrar nos trilhos a partir de 1950 quando o cenário internacional³ contribuiu na elevação dos preços dos produtos argentinos.

Em 1951, Perón novamente concorreu às eleições e venceu com 62,5% dos votos contra 32% dos votos da opositora União Cívica Radical (UCR). A ampla vitória embasou o aparelhamento de setores fundamentais da sociedade Argentina, tais como o ensino, a Igreja, as Forças Armadas e a máquina pública. Para fazer parte destes setores exigia-se filiação ao Partido Peronista, o que desagradou inimigos e antigos aliados: a Igreja Católica, grupos militares e civis, parte da imprensa. Tendo seus métodos de “peronização” da sociedade contestados, Perón partiu para a eliminação física de seus adversários. Após extremismos de parte a parte, o peronismo e a oposição abriram uma trégua, promovida pela anistia aos opositores.

Os conflitos políticos foram exacerbados pela crise econômica que se tornou tanto mais grave a partir do ano de 1952. Para enfrentar a crise, Perón adotou algumas estratégias de aproximação com o capital estrangeiro, notadamente com os EUA, que previram empréstimos

² Entre os fatores que determinaram a queda de preços podem ser citados a queda nos preços internacionais uma seca que assolou o país e a diversificação nos investimentos para outras atividades como a pecuária.

do Eximbank e uma lei de remessa de lucros, no ano de 1953. Em 1955, visando aumentar a produção de combustíveis, o governo assinou um contrato de exploração de petróleo com a Standar Oil, o qual foi visto de forma muito negativa pelos próprios peronistas. A par das desconfianças, o plano de recuperação da economia surtiu um efeito razoavelmente estabilizador, freando a alta inflacionária. Porém, no cômputo geral, as coisas não iam bem: havia racionamento de energia, os serviços ferroviários e de transporte urbano seguiam ruins, sofria-se com a escassez de telefones o que vinha a demonstrar a ineficiência do governo em gerir as empresas estatais. Enquanto muitos países que haviam emergido da guerra melhoravam seus serviços públicos e davam respostas acertadas às expectativas de seus habitantes, a Argentina dava um passo atrás (LUNA:1997,327)

II - A ARGENTINA SEM PERÓN

Como demonstrado, os anos finais do governo Perón foram problemáticos. Cada vez mais a oposição investia contra os mecanismos de peronização da sociedade, os quais avançavam céleres. No ensino e na administração pública os cargos eram preenchidos mediante atestados de pertencimento aos quadros do Partido Peronista além outros tipos de exigências tais como portar um botão de luto pela morte de Evita, fazer doações para a fundações filantrópicas fundadas por Evita, nomear ruas, hospitais, praças, com o nome de Evita. O extremo chegou às Forças Armadas nas quais houve cursos e treinamentos com base na doutrina justicialista. Concomitantemente, os espaços da oposição eram paulatinamente encolhidos tanto na imprensa, quanto no Congresso.(ROMERO, 1994) cortou verbas destinadas às escolas católicas e deu entrada em um projeto de reforma constitucional que previa a separação Estado-Igreja. A reação dos católicos foi uma grande marcha, em 8 de dezembro, a qual o governo peronista respondeu com o fechamento do principal jornal católico e com a sanção da lei do divórcio.

A repercussão deste conflito nas Forças Armadas não se tardou sentir. É certo que não havia consenso entre os militares sobre derrubar Perón. O Exército ainda tinha uma forte ligação com o presidente, mas a Marinha tramava abertamente.

O ano de 1955 foi pródigo em conspirações, sendo a mais exemplar o bombardeio da Casa Rosada, da Praça de Maio e da residência oficial do presidente. Os opositores repetiam que se deveria “ salvar o país das mãos de Perón” (LUNA: 1997,327).

³ Especificamente o contexto da Guerra da Coréia que amplia a necessidade de exportação de grãos da Argentina.

A reação de Perón aos ataques foi taxativa : “ A violência vamos contestar com uma violência maior (...) aquele que em qualquer lugar tente alterar a ordem pode ser morto por qualquer argentino!” (LUNA: 1997,332)

O quadro de instabilidade se agravou de forma incontornável quando o general Eduardo Lonardi iniciou, em 16 de setembro de 1955, uma revolta em Córdoba, região em que havia forte conotação de antiperonismo, em resposta ao discurso proferido por Perón. Lonardi estava convencido de que o poder de Perón havia perdido o conteúdo e o mesmo cairia bastasse iniciar-se um levante.(LUNA:1997:332) O movimento liderado por Lonardi ganhou adesões diárias, enquanto que Perón não obtinha nenhum apoio de peso.

Em 19 de setembro de 1955, Perón reuniu-se com os militares para tentar uma saída negociada. No entanto, sabia-se derrotado. Um dia depois, em 20 de setembro, o presidente argentino refugiou-se na embaixada do Paraguai iniciando sua caminhada rumo ao exílio.

Sob o lema “ nem vencedores, nem vencidos”, Lonardi assumiu a presidência

III – IMPRESSÕES DESDE O EXÍLIO: APELO À RESISTÊNCIA

A queda de Perón não trouxe tranquilidade à sociedade argentina . A chamada Revolução Libertadora não garantiu uma base de apoio social razoável, praticamente restringindo-se às Forças Armadas. Nesse cenário, Lonardi, considerado da ala moderada, renuncia dois meses depois de sua posse e assume em seu lugar o general Aramburu , representante da linha dura, responsável pelo desencadeamento de uma política duramente repressiva ao peronismo.

Iniciou afastando os funcionários, professores, militares ligados a Perón, fechando a imprensa peronista e colocando todas as organizações peronistas na clandestinidade. A Revolução Libertadora logo foi alcunhada de “ revolución fusiladora” em função dos assassinatos de 1956, que atingiram civis e militares peronistas ”(BASCHETTI: 1988,21).

A resistência peronista logo começou a se organizar. Através de rádios e publicações clandestinas, conclamava à guerra revolucionária. Em 1 de dezembro de 1955, do exílio em Caracas, após o fechamento do Partido Peronista pelo novo governo, Perón envia uma mensagem na qual conclamava :

“ la disolución del Partido Peronista por decreto de la dictadura, no debe dar lugar a la dispersión de nuestras fuerzas. Es necesario seguir con nuestras organizaciones, tanto las mujeres como los hombres peronistas deben seguir reuniéndose para manter el partido.Cada casa de um peronista será em adelante una Unidad Básica del Partido.

(...) Yo sigo siendo el jefe de las fuerzas peronistas y nadie puede invocar mi representación
Si hay elecciones sin el peronismo, todo buen peronista debe abstenerse de votar.
Esta es mi orden desde el exilio”.
(BASCHETTI:1988, 61)

Os peronistas na Argentina seguiam se reorganizando: montaram uma rádio clandestina no Chile, a Lux 45, Radio Justicialista, muitos sindicatos industriais voltaram `as mãos dos peronistas e as mobilizações grevistas se multiplicavam. Em dezembro de 1956, o Comando Superior Peronista conclamou a uma greve geral cujos objetivos eram:

“ - por la huelga general para terminar com las humillaciones y vejaciones.
- por la libertad de los presos gremiales, políticos y militares.
- para el cese total de las inhibiciones.
- para que los sindicatos retornen a manos de auténticos trabajadores.
-para garantizar nuestra economía, la Justicia Social y La
Independencia Económica, la vuelta del Perón.” (Baschetti: 1988, 98)

No que se refere ao posicionamento dos os partidos tradicionais é importante salientar que os mesmos começavam a apresentar divisões internas em função do desacordo sobre o tratamento que deveria ser dispensado ao peronismo. Alguns grupos se inclinavam a uma política de conciliação sob o lema “ *reconciliación y legalidad para todos*” , enquanto outros mantinham-se intransigentes.

Em relação a isso, os Comandos Revolucionários Peronistas, orientavam, no início de 1957, que se deveria seguir o seguinte:

“Y Ud. Peronista, qué há hecho o hace para recuperar La pátria y por la vuelta de Perón?
Toda acción de guerra que Ud. Realice, es buena, todo lo que sea contribuir a terminar com la oligarquía retrógrada y entreguista, se lo reconocerá la Pátria y América toda, ya lo podrá apreciar.
(...) Viva la Pátria libre. Viva el Presidente Constitucional General Juan Perón.
Mueran los Tiranos e a sesinos y vendepatrias.
Orden Del Comando Superior Peronista: si llegan
Las elecciones, se debe votar em blanco, no hay
Arreglos ni alianzas com nadie.
Peronismo o Muerte.” (Baschetti: 1988,99)

A mobilização dos peronistas começava a render avanços em meio ao clima eleitoral que se preparava para eleger Constituinte, em 1957. Neste pleito, os peronistas, seguindo a orientação de Perón, fizeram a maior votação de todos os partidos, com votos em

branco, num claro momento de repúdio ao sistema. Além das mensagens do próprio Perón, somava-se a orientação das organizações peronistas, destacando-se pelos termos muito diretos a do Comando Sindical Peronista que advertia:

“ Compañero: la ordem de Perón es votar em blanco. Se vota em blanco pegando el sobre em el cuarto oscuro, sin nada adentro o con um papel absolutamente limpio, sin una palabra ni una raya. Si Ud. Se saca el gusto escribiéndoles a los tiranos, “ canallas, hijos de P...” o cualquier outra de lãs cosas que se merecen, usted anula su voto. Y necesitamos votos em blanco, que sumen, no voto anulados, que desaparezcém. Vote a Perón votando em blanco. Vote a Evita votando em blanco.”

(Baschetti: 1988,103)

A partir dessa orientação, o resultado das eleições foi de 2.106.524 votos para a União Cívica Radical del Pueblo (UCRP); 1.847.603 votos para a União Cívica radical Intransigente (UCRPI) e 2.115.861 de votos em blanco que deram a vitória aos peronistas. Daí, a resistência ao peronismo sofreria uma distensão o que se configurou no acordo Perón-Frondizi, que permitiu a vitória do segundo nas eleições de 1958.

O apoio de Perón a Frondizi custou a este um comprometimento por escrito de que procederia a normalização dos sindicatos, a legalização do Partido Peronista e uma anistia geral, entre outros itens. Uma vez eleito, Frondizi executou uma política pendular na qual foi atendendo parcialmente as exigências do acordo enquanto tentava implementar o seu próprio projeto de governo, o que, evidentemente, desgostou a todos.

Após quarenta e cinco dias de governo, o peronista exilado em Cuba, John Willian Cooke chama a atenção para o imobilismo de Frondizzi no que se refere ao atendimento do pacto com os peronistas. Acusava o presidente de ambíguo e indagava a razão do adiamento das decisões por parte do governo. Por seu turno, Frondizi encaminhava medidas no sentido de dividir as lideranças sindicais. Oferecia cursos e viagens aos Estados Unidos, financiamento de casas e outros benefícios que tinham por objetivo “ desintegrar” o sindicalismo peronista. Cooke advertia:

“ El Peronismo confia em su própria fuerza por sobre todas cosas, porque nunca logro nada sino a través de su esfuerzo.

Lo que exige es muy simples: quiere saber, em primer término, quién gobierna el país. (...)

Porque la justicia continúa em manos dela oligarquia, burlandose de las decisiones del Congreso. Porque hay ciudadanos despojados ilegítimamente de sus bienes. Porque hay obreros sin trabajo y militares fuera Del Ejército por razones políticas”.

(Baschetti: 1988:131)

Na mesma linha da argumentação de Cooke, o jornal peronista *Rebeldia* questionava a posição do governo Frondizi a apontava para a existência de um movimento “ anitipueblo”:

“ A 50 días de gobierno de Frondizi se há espessado la atmosfera política como em los peores tiempos Del gorilismo. Soplan vientos de fronda. La oligarquia há recibido de Frondizi todos los puestos, honores y franquicias que pudo ambicionar em sus suemos mas ilusórios. (...)
Lo tiene todo: dinero, prensa , armas. Pero tiene también miedo, espantoso miedo. Porque sabe que el Pueblo es ahora más fuerte que nunca.”

(Baschetti:1988,133)

A situação foi paulatinamente se agravando com as medidas de aberturada economia ao capital estrangeiro, uma espécie de desenvolvimentismo a JK, que contrariava o pretense nacionalismo da época peronista.

Em suma, o rompimento com Frondizi foi inevitável e a instrução de Perón aos grupos de resistência foi exatamente a de encerrar as negociações e preparar-se para o enfrentamento eleitoral em 1962.Estava finda a primeira etapa da resistência peronista. A década de 1960 conheceria um processo de radicalização da resistência peronista, tema para um próximo trabalho

REFERÊNCIAS

- BASCETTI, Roberto. *Documentos de la resistencia peronista (1955-1970)*. Buenos Aires: Editorial de la Campana, 1988.
- FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada.*(1850-2002). São Paulo: Ed 34, 2004.
- LUNA, Félix. *Historia Integral de la Argentina*. Buenos Aires: Planeta, 1997.
- ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea da Argentina*.Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica,1994.